

A VIDA LONGA DAS LINHAS RETAS

EXPOSIÇÃO INDIVIDUAL
Pedro Pires 20.04 - 26.05



THIS IS NOT
A WHITE CUBE



Delta

águas
BomJesus
portosina



LOCAL

CAMÕES - CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS EM LUANDA

Av. de Portugal 50, Luanda, Angola

20 de Abril a 26 de Maio de 2023

Inauguração: 5ª feira, 20 de Abril, 18h, com presença do artista

CONTACTOS

Secretariado Camões . CCP + 244 938141858 . CCP-LUANDA@camoes.mne.pt

Ngoi Salucombo . +244 923 315 373 . press@thisisnotawhitecube.com

Francisca Vaz . +351 916 961 602 . press@thisisnotawhitecube.com

FICHA TÉCNICA

Direcção Geral e Direcção Artística - Sónia Fonseca, Sónia Ribeiro e Graça Rodrigues

Comunicação - Camões - CCP, Graça Rodrigues, Ngoi Salucombo e Francisca Vaz

Design gráfico - Francisco Blanco

Impressão gráfica: XL Media

Produção local: Camões - CCP, Jamil "Parasol" Osmar e José Luís Ngunga

COMUNICADO DE IMPRENSA

Luanda, Angola - O artista luso-angolano, Pedro Pires inaugura a 20 de Abril, no Camões - Centro Cultural Português em Luanda, a sua exposição individual "A Vida Longa das Linhas Retas". A mostra integra o programa das comemorações que o Camões - Centro Cultural Português, dedica ao Dia Mundial da Língua Portuguesa, que se assinala a 5 de Maio, e marca o regresso a solo do artista à capital angolana, após vários anos de presença crescente no circuito artístico internacional.

A exposição tem a direção artística e produção da galeria de arte contemporânea luso-angolana THIS IS NOT A WHITE CUBE, a primeira galeria africana em Portugal que, mantendo uma profunda ligação com África, não se centra exclusivamente nos círculos lusófonos, mas principalmente na estética emergente das produções artísticas culturais do Sul Global.

Com texto curatorial de Luísa Santos, a mostra apresenta um conjunto de 23 trabalhos maioritariamente inéditos, de escultura e intervenção sobre papel, decorrendo, na designação, da apropriação do título do ensaio homónimo de Wolfgang Döpcke, "*A vida longa das linhas retas*," (1999), que fornece uma análise crítica das narrativas estereotipadas que envolvem a definição das linhas de fronteira em África.

Através da referência à obra de Wolfgang Döpcke, Pedro Pires reintegra conceptualmente aos nossos olhos, uma reflexão que a sua obra propõe, desde há muito, em torno da noção de fronteira e de fragmentação da identidade.

A mostra proporciona aos visitantes a oportunidade de explorar uma produção artística singular, reconhecida pelo recurso recorrente a mecanismos de apropriação de objetos e de ideias mas, sobretudo dos seus contextos, em prol da edificação de reflexões concretas sobre narrativas instituídas e da renegociação de uma significação original através da lente da arte contemporânea e das suas molduras conceptuais.

A exposição apresenta-se em dois núcleos distintos. A primeira sala saúda os visitantes com quatro desenhos verticais. Corpos cinzelados a fogo e solda, à escala humana. Esculturas suspensas, pendentes, que formando um quadrado, criam um espaço dentro do espaço da galeria onde o visitante adentra para vislumbrar a face dúplice de cada obra e a sua dúplice aceção, quais "organismos vivos, em constante processo de troca e de transformação".

Se as fronteiras que o título anuncia são prenúncio de divisão, a solda e os corpos por ela delineados, "unem, neutralizando e reforçando o processo da imaginação na construção (e destruição) das fronteiras".

A sala superior apresenta 4 esculturas feitas com resina e tecidos Vlisco. Cada qual uma fronteira em si, marcada matericamente pelo impedimento do acesso a elementos identitários que nos corpos os tornariam únicos e reconhecíveis. Acrescem outros desenhos que, contrariamente aos primeiros, se movem fragmentados, delimitados por barreiras que os emolduram em segmento. Dois itineram da exposição "The Green Line", que Pedro Pires materializou, em 2022, na galeria THIS IS NOT A WHITE CUBE, em Lisboa, como um primeiro capítulo da reflexão que prevalece nesta "*A Vida Longa das Linhas Retas*" que agora se anuncia patente em Luanda até 26 de Maio.

Ao longo da sua apresentação, será anunciado um programa educativo dedicado.

A entrada é livre.

IMAGEM EM ALTA RESOLUÇÃO: <https://photos.app.goo.gl/1QAbeqKbC7DqLfV9>

SOBRE PEDRO PIRES



Legenda | PEDRO PIRES | **IMAGEM EM ALTA RESOLUÇÃO:** <https://photos.app.goo.gl/1QAebeqKbC7DqLfV9>

Pedro Pires preocupa-se essencialmente com questões de identidade, nomeadamente com o sentido de uma identidade nacional fragmentada, a qual o próprio artista experienciou ao longo da sua existência enquanto cidadão angolano e português. Recorrendo a diferentes técnicas e objetos, o artista constrói esculturas e instalações únicas de carácter figurativo e conceptual, marcadas por formas antropomórficas que emergem de materiais parcialmente destruídos, evocando os conceitos de destruição e reconstrução. Na sua obra, Pires reflete a sua singular posição sociopolítica relativamente a Angola e a Portugal, e ao contexto pós-colonial que marca a história entre estes dois países. Ao traçar paralelos com diferentes realidades, convida ainda o espectador a pensar sobre questões mais amplas, tais como a realidade contemporânea dos refugiados e direitos humanos.

Pedro Pires concluiu um MFA na Central Saint Martins College of Art and Design (Londres) em 2010, e a licenciatura em Escultura, em 2005, na Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Em 2004, recebeu a Bolsa Erasmus de Belas Artes para a Universidade de Atenas. Com uma carreira artística que se prolonga há mais de dez anos, a sua obra já foi exposta em diversos locais, tais como o Museu de Arte Africana de Belgrado (Sérvia, 2022), Museu de História Natural de Angola (2019), o Museu de Belas Artes de Montreal (Canadá), 1:54 Art Fair e Christie's (Londres), Bienal de Lagos (Nigéria), Cape Town Art Fair (África do Sul), Grand Palais – Art Paris (França), Bienal de Lorne (Austrália) e Expo Chicago (Chicago, EUA), Fucking Globo (Luanda), AKAA Art Fair (Paris), Momo Gallery (Joanesburgo), THIS IS NOT A WHITE CUBE art gallery (Lisboa e Luanda) ou Galeria LouiSimone Guirandou (Abidjan).

Os últimos anos, foram igualmente marcados pela integração de várias exposições colectivas, destacando-se *Discursos da Decolonialidade* (Lisboa), *Intersections within the Global South* (Luanda), *Reflect#2 - FRAGMENTS, FRAGILITIES, MEMORIES* (Museu de Arte Africana, Belgrado), *(Im)materiality* (Lisboa, Águeda).

A sua obra está ainda representada em importantes coleções particulares e públicas, nomeadamente no Museu de Belas Artes de Montreal (Canadá), na Fundação PLMJ (Portugal), na Mishcon de Reya Collection (Reino Unido), na Edge Arts (Portugal), na Carpe Diem Edições (Portugal), na Coca Cola Collection (África do Sul), no Banco Económico (Angola), na S&A (Portugal), no Conselho de Viseu (Portugal), na Africana Art Foundation, na coleção de Fernando Figueiredo Ribeiro (Portugal), de João de Brito (Angola) e de Costa Lopes (Portugal).



Legenda | PEDRO PIRES, *Fractional*, 2022, Escultura sobre papel, 196 x 90 cm

IMAGEM EM ALTA RESOLUÇÃO: <https://photos.app.goo.gl/1QAbeqKbC7DqLFV9>



Legenda | PEDRO PIRES, *Wall*, escultura sobre papel, 202x190cm, 2022.

IMAGEM EM ALTA RESOLUÇÃO: <https://photos.app.goo.gl/1QAebegKbC7DqLfV9>

A vida longa das linhas retas

Pedro Pires

O trabalho de Pedro Pires (1978, Luanda) parte, regra geral, de uma apropriação de objetos ou ideias. Esta apropriação, na verdade, não é dos objetos em si, mas dos seus contextos. No projeto *The Green Line*, que antecede e forma parte de *A vida longa das linhas retas*, e que foi apresentado em 2022 na galeria This Is Not A White Cube, em Lisboa, com curadoria de Lourenço Egreja, apropria-se do título de uma obra de Francis Alÿs, de 2004-05, que, por sua vez, toma o nome de uma fronteira. Francis Alÿs caminhou ao longo da fronteira do armistício, conhecida como 'a linha verde', por ter sido desenhada a lápis, com carácter provisório, por Moshe Dayan, comandante da frente de Jerusalém na Guerra Árabe-Israelense, num mapa no final desta guerra em 1948. Esta linha permaneceu fronteira até à Guerra dos Seis Dias em 1967, quando Israel ocupou territórios habitados por palestinos a leste da linha. A ação de Francis Alÿs, que consistiu em deixar cair tinta verde atrás de si, enquanto caminhava, despertou a memória desta linha verde numa época em que a separação ganhou novo significado - entre Agosto e Setembro de 2005, Israel implementou um plano unilateral que determinou que toda a população da Faixa de Gaza fosse evacuada. Mais tarde, Alÿs convidou comentadores de Israel, da Palestina e de outros países a refletirem sobre a sua ação artística. Apesar de ficar claro que a poética e a política têm uma relação difícil, com esta ação física (a caminhada e a demarcação no espaço) e com o convite à escuta de perspetivas diversas que dificilmente poderia acontecer nestes termos num espaço formal, Alÿs especula sobre o potencial transformador dos atos poéticos em situações políticas de conflito.

“*A vida longa das linhas retas*” volta a adotar o título de uma obra existente, um ensaio de 1999 do historiador especialista em história africana Wolfgang Döpcke. O ensaio apresenta-se como um estudo das fronteiras políticas na África Negra nas suas dimensões históricas e atuais discutindo e propondo uma análise crítica das narrativas estereotipadas, a que o autor chama de “cinco mitos sobre as fronteiras na África Negra”, nos discursos popular e académicos sobre as fronteiras em África, explicando como é que elas se desenharam, em todas as suas imperfeições e defeitos, nas suas narrativas de resistência e de mudanças. As fronteiras e as nacionalidades que, supostamente, são divididas pelas fronteiras, são motivos constantes na prática artística e na vida pessoal do artista, com dupla nacionalidade (Angolana e Portuguesa). Nas sociedades contemporâneas, ditas globais, esta dualidade tem-se tornado uma condição crescente. Os corpos que se movem de um território para outro, entre nações, continentes, culturas, religiões, hábitos, e legados, estão em constante mutabilidade numa relação de mutualidade com os outros corpos e lugares que encontram. Enquanto as fronteiras, à luz da geografia, são linhas físicas ou artificiais que separam áreas geográficas, limites políticos que separam países e descrevem uma área controlada por um poder administrativo ou político, os corpos que se movem entre as fronteiras demonstram, por um lado, que estas são organismos vivos, em constante processo de troca e de transformação. Por outro lado, como lembra Jimmie Durham, no seu projeto para tornar-se euroasiático, os movimentos dos corpos são sempre colocados à margem: “o fato de que a Europa é reconhecida como um continente e a Eurásia, o continente, não é conhecido como continente, significa que somos ensinados a pensar politicamente e nunca fisicamente” (Durham, 1996).

Ao tentar perceber as molduras conceituais que encerram as ideias de global, internacional, e transnacional, e que reduzem culturas a definições estanques como Africano ou Português, Pedro Pires lembra que a fronteira é incorporada de várias maneiras e que a pele é a primeira fronteira que temos com o mundo; é o que, simultaneamente, nos protege do exterior e nos permite sobreviver e conviver com tudo o que nos é externo. Na primeira sala da exposição, somos recebidos por uma instalação com quatro desenhos-esculturas verticais (*Body*; *Concrete*; *Pixel* e *Structural*, todos de 2023) de cerca de dois metros de altura, suspensos no tecto, a formar um quadrado que delimita um espaço dentro do espaço da Galeria. Podemos entrar pelas laterais do quadrado formado pelos desenhos, o que nos permite aceder aos desenhos por dentro e por fora. Os quatro desenhos-esculturas são feitos com uma máquina de soldar ferro – as faíscas atingem o papel e queimam-no formando os buracos que, no conjunto, formam desenhos de corpos, na frente e no verso do papel, à escala humana. Enquanto o título da exposição se apropria do ensaio de Wolfgang Döpcke, os desenhos integram uma técnica e um objeto funcionais e neutros. A função da máquina de soldar não é mais do que unir duas partes – serve para fornecer a energia necessária para realizar a união entre partes de metal. Enquanto as fronteiras indicadas pelo título dividem, a solda e os corpos por ele desenhados, unem, neutralizando e reforçando o processo da imaginação na construção (e destruição) das fronteiras.

A sala superior da Galeria é habitada por quinze desenhos, entre os quais dois apresentados anteriormente em *The Green Line - o Fraccional* (2022) e o *Wall* (2022). Ao contrário da primeira sala, na qual os corpos estão numa posição estática que, no conjunto, forma um espaço dentro de um espaço, convidando a um movimento dos nossos próprios corpos, na sala superior os corpos desenhados com a mesma técnica do ferro de soldar, estão em movimento. Nos casos de *Fraccional* e *Wall*, não só estão em movimento como se apresentam fragmentados, sendo cada fragmento emoldurado, ou seja, delimitado por fronteiras que separam cada porção, cada parte do corpo. Na mesma sala, estão também quatro esculturas feitas com resina e tecidos Vlisco: um corpo (*154 Meters*, 2023); duas cabeças (*Camouflage for the future* e *Doppelgänger for the future*, ambas de 2023) e um busto (*Transparency for the future*, 2023). As esculturas são corpos ou partes de corpos com uma segunda pele, ou uma máscara, que são, em si, fronteiras. Neste caso, em tecido opaco, impedem o acesso aos elementos que tornam os corpos reconhecíveis, com uma identidade única.

Tal como a escolha dos objetos que toma do quotidiano para os seus trabalhos, também a escolha do que usamos nas nossas vidas não é uma mera selecção aleatória: "o objeto é o mediador entre o homem e o mundo" (Moles, 1981:11). A Vlisco é uma das poucas empresas de estampa do tipo *wax hollandais* - uma estampa feita em tecido de algodão a partir da mecanização do *batik* javanês, que foi levada ao continente africano no século XIX e disseminada por vários países, tornando-se parte das tradições culturais locais - que continua a operar desde o século XIX. As suas estratégias de comunicação contribuíram para a narrativa visual do *wax hollandais* enquanto a estampa africana. Estes tecidos têm sido, desde o século XIX, vendidos por agentes locais, principalmente por mulheres, com licenças hereditárias, um sistema que ajudou à sua assimilação nas culturas africanas. Ao longo dos seus dois séculos de existência, o tecido passou por várias mutações e trocas culturais. Sistemáticamente associada e comunicada enquanto parte da cultura africana, tanto pela Vlisco como por designers e jornalistas de moda, uma associação que é depois adotada com confiança pelos recetores da mensagem (qualquer um de nós) que vestem os tecidos por todo o mundo, nunca aparece ligada a culturas e grupos étnicos específicos, esbatendo as fronteiras geográficas, culturais e políticas. A imprecisão do tempo na qual a assimilação e apropriação dos tecidos aconteceu, facilita a

invenção de uma tradição. Afinal, as fronteiras do tempo, quando esbatidas, deixam espaços entre si para construções que, ao distorcer o passado, tornam-se alterna(rra)tivas ao mesmo. No entanto, como diz Dandara Maia, “uma tradição inventada não é necessariamente uma falsa história. São desenvolvimentos complexos, presentes, principalmente em sociedades modernas, que passaram por processos de colonização, interações forçadas e homogeneização de suas culturas” (2019:6). E é precisamente destes desenvolvimentos complexos, em constante tensão, mutação e troca, que a exposição *A vida longa das linhas retas* se configura. Em última instância, opera como um conjunto de linhas vivas que ora são fixas e opacas, ora adotam uma forma flutuante e transparente.

Referências:

Durham, J. 1996. *Jimmie Durham: Eurasian Project, stage one; la porte de l'Europe (les Bourgeois de Calais); la leçon d'anatomie (a progress report)*. Le Collège Éditions, Frac Champagne-Ardenne.

Maia, D. 2019. “O vestir político: as estampas wax holandesas como ferramentas de afirmação da identidade afro-brasileira”. *dObra[s]* – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S. l.], v. 12, n. 25, p. 144–164. DOI: 10.26563/dobras.v11i25.858. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/858>. Acesso em: 29 mar. 2023.

Moles, Abraham A. 1981. *Teoria dos Objetos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.



Legenda | PEDRO PIRES, *Transparency for the future*, tecido, metal, silicone and fibra de vidro, 57x33x53cm, 2023

IMAGEM EM ALTA RESOLUÇÃO: <https://photos.app.goo.gl/1QAebegKbC7DqLfV9>



Legenda | PEDRO PIRES, *Camouflage for the future*, tecido, metal, silicone and fibra de vidro, 46x24x30cm, 2023

IMAGEM EM ALTA RESOLUÇÃO: <https://photos.app.goo.gl/1QAebegKbC7DqLfV9>

SOBRE A GALERIA THIS NOT A WHITE CUBE

A THIS IS NOT A WHITE CUBE é uma galeria de arte contemporânea internacional com espaços expositivos em Luanda (Angola) e Lisboa (Portugal). Através da representação e colaboração com artistas nacionais e internacionais, estabelecidos e emergentes, a galeria apresenta um programa centrado em narrativas e debates relevantes, associados ao continente africano e à sua diáspora.

Apesar da profunda ligação com África, é a primeira galeria de arte contemporânea africana em Portugal que se foca não só nos círculos lusófonos, mas também na estética emergente das produções culturais e artísticas do Sul Global. A galeria mantém uma presença regular e significativa em importantes feiras internacionais de arte.

A intervenção da THIS IS NOT A WHITE CUBE estende-se além da fisicalidade do espaço da galeria, através de projetos de exposição que potenciam a expansão do mundo da arte a uma multiplicidade de locais, convidando curadores e artistas em colaborações ocasionais, que proporcionam visões e diálogos enriquecedores.

Fundada em Luanda em 2016, por Sónia Ribeiro, - atual CEO - e, tendo-se rapidamente tornado numa das mais prestigiadas galerias de arte em Angola, o projeto expandiu-se em 2019 para um dos bairros mais emblemáticos de Lisboa, o Chiado. Dada a ligação histórica entre Portugal e África, Lisboa foi considerada o local natural para esta primeira expansão da galeria, sendo também uma importante porta de entrada no mercado europeu. Ambos os espaços de exposição desenvolvem um programa independente, oferecendo a colecionadores e entusiastas uma visão focada da produção artística contemporânea dos continentes africano, sul-americano e da sua diáspora.

Desde a sua fundação, em 2016, a galeria tem representado, exposto e colaborado com artistas emergentes e estabelecidos. Desde então, a galeria mantém-se fiel a um dos seus principais objetivos – proporcionar aos artistas a oportunidade de partilhar as suas perspectivas únicas através do seu trabalho, assim criando e promovendo discussões em torno de narrativas históricas e contemporâneas relevantes no contexto da globalização. Como tal, dentro de um extenso programa anual que inclui exposições regulares em Lisboa e Luanda, a colaboração em diversos projetos culturais e uma presença consistente em numerosas feiras de arte internacionais, a atenção é dirigida para questões como identidade, memória, património, património cultural e mudança social. Os artistas da galeria constam frequentemente no programa de importantes plataformas internacionais, tais como museus, bienais, e outras exposições significativas no mundo da arte.

Os seus três diretores, Sónia Ribeiro, - presidente e fundadora - Graça Rodrigues, - curadora - e Ngoi Salucombo - diretor executivo da delegação angolana - possuem uma visão empresarial e artística singular, sustentada numa sólida abordagem curatorial e de projetos artísticos com base na colaboração.

Em 2019, a galeria criou "O CUBO", uma plataforma sem fins lucrativos que procura impulsionar a experimentação e a investigação através do desenvolvimento de um programa de residências artísticas, projetos editoriais, mapeamento de arquivos e o estabelecimento de uma rede de parcerias locais e internacionais.

A galeria já apresentou numerosas exposições em Angola, África do Sul, França, Itália, Reino Unido e Portugal, mas continua a expandir-se e a desenvolver as suas ligações por todo o mundo.

SOBRE O CAMÕES - CENTRO CULTURAL PORTUGUÊS EM LUANDA

O Centro Cultural Português em Luanda, criado em 1996, está instalado no edifício da Embaixada de Portugal. Para além de uma estrutura em constante renovação, a respectiva programação anual, pela diversificação, regularidade e qualidade, tem conferido ao Centro Cultural Português uma posição de destaque na oferta cultural e de promoção da Língua Portuguesa em Angola.

Ao longo dos seus mais de 20 anos de funcionamento, o Camões - CCP tem prestado um importante apoio no domínio cultural, quer pelas instalações de que dispõe, quer pelo apoio aos projetos culturais de artistas e associações culturais e, ainda, pelas oportunidades de intercâmbio artístico que tem proporcionado.

O Centro Cultural Português dispõe de uma Biblioteca, em língua portuguesa, com mais de 6000 títulos e acolhe diariamente leitores, essencialmente estudantes do ensino médio e universitário. Conta também com um Auditório com 112 lugares que dispõe de equipamento de som e projeção, com possibilidade de utilização de videoconferência. É utilizado regularmente para ciclos de cinema e espetáculos de teatro e de música, lançamentos de livros e recitais de poesia, entre outras atividades. Dispõe, ainda, de uma galeria de exposições, uma sala multiusos e um deck exterior, onde realizam vários eventos culturais e artísticos semanalmente.

Oferece uma **agenda cultural mensal** que pode ser consultada nas redes sociais FB @camoesluanda e Instagram @camoesangola. Situa-se na Avenida de Portugal, 50, na cidade de Luanda e funciona nos seguintes horários:

Segunda a Quinta-feira: 09h00 — 17h00

Sexta-feira: 09h00 — 13h00

Para mais informações contactar CCP-LUANDA@camoes.mne.pt +244 938141858.